



O APORTE DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

Luiz Gustavo Borges do Rosario ¹

Mario Celso Colucci ²

RESUMO

Este artigo objetiva investigar as contribuições que a inteligência emocional pode acarretar para o ensino-aprendizagem. Sabe-se que ao longo dos anos o estudo das emoções tem crescido e despertado o interesse científico de diversas áreas afins. Derivada das emoções, a inteligência emocional é responsável pelo desenvolvimento de aptidões como o controle de impulsos, empatia, motivação, adaptação diversas situações, trabalho em equipe, liderança, otimismo, dentre outras, todas de suma para a nossa sobrevivência numa época de competitividade, como atualmente, caracterizando-se como um fator relevante para o processo de desenvolvimento humano. No contexto escolar, a inteligência emocional é responsável pela respostas emocionais dos alunos a cerca do processo de aprendizagem, seja positiva ou negativa. Isto mostra que o docente deve estar preparado para lidar com as emoções dos alunos e com suas próprias emoções. Visando conhecer até que ponto a inteligência emocional pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico e estudo de caso, com caráter qualitativo, com aplicação de questionário, onde as perguntas foram feitas diretamente aos envolvidos, sendo 24 discentes e 1 docente, da Escola Municipal Tarcílio Siqueira Cordeiro, localizada em Beira do Taí, 4º distrito de Campos dos Goytacazes, RJ. A pesquisa revelou que os elementos da inteligência emocional podem ser identificados, avaliados e aprimorados, no coletivo isso significa uma sintonia fina da dinâmica interpessoal e que torna os grupos mais inteligentes. Neste sentido, evidencia-se que a inteligência emocional pode contribuir para um novo modelo no processo de ensino aprendizagem, e também contribuir em grande medida com o desenvolvimento das competências emocionais dos discentes e docentes. Deve-se estar disposto a investir tempo, esforço e atenção para ajudá-los a adequar melhor suas emoções.

PALAVRAS-CHAVE: Emoções. Aprendizagem. Inteligência emocional.

1 Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM), Campos dos Goytacazes/RJ. E-mail: luizgustavoborges@outlook.com.br

2 Especialista em Educação do Campo pelo Instituto Federal Fluminense (IFF). Professor do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM), Campos dos Goytacazes/RJ. E-mail: mcolucci349@gmail.com



INTRODUÇÃO

Ao longo de todo o século XIX e grande parte do século XX, os parâmetros educacionais eram baseados nos paradigmas tradicionais, isto é, no âmbito escolar o conhecimento chegava aos alunos de forma fracionada. Não ocorria a formação do indivíduo de forma completa e homogênea, sobre isto, Morin (2000) explica que o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Desta forma, é necessário que a escola amplifique suas ações e abranja todos os conhecimentos necessários para a formação humana visando formar um indivíduo completo e apto para exercer seu papel na sociedade.

Partindo do evento das teorias de Daniel Goleman (Inteligência Emocional) e de Howard Gardner (Inteligência Múltipla), houve o desencadeamento de uma revolução a respeito dos estudos da inteligência e da emoção. Assim, ao se falar em emoções no espaço escolar, é necessária uma análise do contexto dessas duas teorias. Embora sejam teorias com formulações distintas, existe uma correlação entre ambas.

Este trabalho procura iniciar uma pesquisa reflexiva sobre a temática e contribuir com o estudo da inteligência emocional, em conjunto com a comunidade educativa, afirmando sua importância para a aquisição da aprendizagem; expondo as relações emocionais existentes entre docente e discente, sob a lente das práticas de ensino e aprendizagem; como também recorreremos à bibliografia disponível para identificar quais emoções podem envolver o processo educativo, considerando o currículo escolar implementado na Escola Municipal Tarcílio Siqueira Cordeiro, localizada em Beira do Taí, 4º distrito de Campos dos Goytacazes, RJ. Tendo como objetivo contribuir com futuras pesquisas a cerca do tema, onde seja possível aprofundar ainda mais os estudos, tendo em vista o desenvolvimento cognitivo e completo dos alunos.

Nesse sentido, cabe questionar qual o papel da inteligência emocional para o desenvolvimento da aprendizagem significativa dos alunos? Quais emoções são demonstradas pelos alunos no ambiente escolar? Como o cérebro dos alunos reage ao serem estimulados pelos docentes?

Buscando encontrar embasamento teórico para responder tais questionamentos, procuramos fazer uma interligação entre cérebro – emoção – aprendizagem. Baseando-se em



autores das áreas de Psicologia, Pedagogia e Sociologia, como Goleman (1996), que expõe o conceito de inteligência emocional e sua importância, Libâneo (1994) que reflete sobre o trabalho docente e a didática, Casassus (2009), que se refere à relação entre as emoções e a aprendizagem.

Em seguida, buscamos evidenciar as práticas docentes, que tem a inteligência emocional como ponto de partida para a aprendizagem significativa. Para isto acontecer, é necessário observar as posturas docentes em seu habitat, em plena ação. De forma que haja a amplificação do entendimento dos docentes a cerca da importância das emoções para o processo de ensino e aprendizagem.

Teorias fatoriais da inteligência

As concepções fatoriais da inteligência descrevem que existem fatores subjacentes e explicativos da realização intelectual dos indivíduos. Uma grande diversidade de paradigmas tem sido utilizada para estudar a inteligência humana, uma delas é a análise fatorial. Esta análise caracteriza-se como um método estatístico que permite desestruturar ou decompor um constructo, neste caso a inteligência, em muitos fatores ou aptidões hipotéticas que supostamente explicariam as diferenças individuais no desempenho. Dessa forma, as teorias fragmentadas desta análise podem ser divididas em alguns grupos.

Na década de 20 e 30, Charles Spearman, idealizador da análise fatorial, expôs uma teoria conhecida como teoria do fator geral, teoria dos dois fatores ou bi-fatorial que demonstrava que a inteligência era composta por dois fatores: um fator geral (fator *g*), que tinha papel de impulsionar um conjunto de aptidões interligadas a situações distintas, como aptidão verbal, matemática, e até mesmo musical e um conjunto de fatores específicos (fator *s*), que estaria envolvido no desempenho em apenas um único tipo de teste de habilidade mental, como por exemplo, raciocínio numérico (Sprinthall e Sprinthall, 1993).

Louis Thurstone, discípulo de Spearman, nos meados da década de 20 até a década de 40, teve como principal tarefa contestar a teoria proposta por Spearman, através da criação de uma teoria de inteligência que defende a inexistência de qualquer fator intelectual único



subjacente à realização de todos os testes intelectuais. Para ele, uma determinada habilidade entra na realização de uma diversidade de testes e conseqüentemente, decorre a noção de habilidades primárias, fundamentais ou básicas, ou mesmo fatores de grupo, que seriam os componentes primários da habilidade mental (Sprinthall e Sprinthall, 1993).

Para Sprinthall e Sprinthall (1993), Thurstone, acreditava que o fator geral não passaria então de uma mistura de capacidades primárias, em qualquer proporção, que a análise fatorial permitisse isolar.

Logo após novas teorias a respeito de inteligência foram apresentadas, por Gardner, Sternberg, entre outros autores. Dada a impossibilidade de abordar todas as teorias criadas, optamos por referir à teoria das inteligências múltiplas e o modelo de Inteligência Emocional.

Teoria das inteligências múltiplas

Na década de 80, Gardner expõe em seu livro *Frames of Mind*, uma das mais importantes teorias a respeito de inteligência. A teoria que não existe apenas um tipo de inteligência, mas sim uma variedade de inteligências que foram divididas em sete. Segundo Goleman (1996), são essas: linguística, musical, lógico-matemática, espacial, corporal cinestésica e as inteligências pessoais, que foram divididas em duas (interpessoal e intrapessoal).

Segundo Gardner (1994) essas competências são relativamente individuais, e apresentam origens e limites genéticos independentes, e também processos cognitivos próprios.

A Inteligência Linguística: constitui-se pela capacidade de lidar com a linguagem oral e com a linguagem escrita e é uma das inteligências mais "valorizadas" no ensino. Os principais componentes desta inteligência são: sua sensibilidade aos ritmos, sons e significados das palavras (Gardner, 1994).



A Inteligência Musical: traduz-se pela habilidade para organizar sons de maneira criativa, discriminação de sons, percepção para temas musicais, sensibilidade para timbre, ritmos e texturas, habilidade discriminação de sons (Gardner, 1994).

A Inteligência Lógico-Matemática: é considerada como uma das inteligências de maior prestígio na sociedade. Descreve-se por uma sensibilidade para padrões, ordem e sistematização. Nesta habilidade ocorre resolução de problemas que envolvam números ou outros elementos matemáticos. Também é explorado relações, categorias e padrões, através da manipulação de objetos ou símbolos (Gardner, 1994).

A Inteligência Espacial: Nesta inteligência o indivíduo exerce uma percepção do mundo espacial e visual, de forma precisa. Também esta presente nesta inteligência a capacidade de manipular formas ou objetos mentalmente, e a partir disto, se orientar no espaço ou entre objetos (Gardner, 1994).

A Inteligência Corporal-cinestésica: Concerne à habilidade de lidar com situações problemas ou criar produtos através da utilização de todo o corpo ou de alguma parte específica. Nesta inteligência o indivíduo possui habilidade para usar e controlar os movimentos do seu corpo e para manipular habilmente objetos (Gardner, 1994).

As Inteligências Pessoais: Essas inteligências podem ser divididas em dois grupos, intra ou interpessoais. A interpessoal concede compreender e responder apropriadamente a temperamentos, humores, motivações e aos desejos. Também permite a relação do indivíduo com os demais, e também a compreendê-los. A intrapessoal se classifica como o correspondente interno da inteligência interpessoal, ou seja, com essa inteligência temos acesso aos sentimentos, idéias, sonhos, visando à utilização em resolução de problemas pessoais (Gardner, 1994).

Inteligência emocional

Goleman (1996), afirma que além de uma inteligência "intelectual", nós também possuímos uma inteligência "emocional", que é equivalente ou até mais importante que a inteligência cognitiva, afirma ainda expõe que o QE (Quociente Emocional) seria parte do QI



(Quociente Intelectual) e que não é somente o intelectual responsável pelas nossas decisões e nossos atos, uma vez que ao emocional também ocupa grande espaço em nossas respostas.

As emoções caracterizam-se como processos centrais no funcionamento do corpo humano. As mesmas exercem função de organizadores no processo do desenvolvimento cerebral e também em variados domínios do funcionamento cognitivo e social.

Goleman evidencia que:

Nossas emoções, dizem, nos guiam quando enfrentamos provações e tarefas demasiado importantes para serem deixadas apenas ao intelecto o perigo, a dor de uma perda, a persistência numa meta apesar das frustrações, a ligação com um companheiro, a formação de uma família. Cada emoção oferece uma disposição distinta para agir; cada uma nos põe numa direção que deu certo no lidar com os recorrentes desafios da vida humana (GOLEMAN, 1996, p. 5).

A inteligência emocional constitui-se do pressuposto de aprender lidar com as emoções e ser capaz de analisar como esta emoção afeta a vida do indivíduo, trazendo a percepção da forma como os sentimentos potencializam ou limitam a construção de uma vida plena. Traduz-se como a habilidade de um indivíduo em lidar com suas emoções e saber administrá-las para seu uso e benefício. Cabe ainda a inteligência emocional a capacidade de compreender as emoções alheias, desenvolvendo relações saudáveis e agindo conscientemente.

Na contemporaneidade, com todos os avanços tecnológicos e a expansão da globalização, vivemos em um mundo onde o estresse esta presente em quase todas as atividades, o que faz com que a inteligência emocional se torne algo de suma relevância. Os seres humanos lidam com família, filhos, relacionamentos, prazos e diversas outras decisões que necessitam ser feitas. Em todos os âmbitos da vida, as pessoas estão sendo observadas, avaliadas e cobradas, o que acaba gerando uma enorme pressão, que pode levar a inúmeras patologias como ansiedade, compulsão e até mesmo depressão.



Neste contexto, surge a inteligência emocional agindo como mecanismo de combate á essas patologias, pois permite que o indivíduo possua diversas habilidades e capacidades, como: lidar com fracassos; não ser impulsivo; pensar, sentir e agir sabiamente, entre outros.

[...] criar motivações para si próprio e de persistir num objetivo apesar dos percalços; de controlar impulsos e saber aguardar pela satisfação de seus desejos; de se manter em bom estado de espírito e de impedir que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar; de ser empático e autoconfiante (GOLEMAN, 1996, p. 5).

Assim, analisamos que a inteligência emocional não pode, simplesmente, ser entendida como a percepção e o controle da emoção; deve privilegiar, principalmente, a ação do pensamento sobre o sentimento. Além disso, o conceito, descrito acima, reflete-se num conjunto relativamente amplo de capacidades.

Desse modo, talvez o papel mais importante da emoção esteja na sua função de facilitar o ato de pensar, ou seja, na capacidade de gerar pensamentos com certo planejamento, criando a possibilidade de considerar, cada vez mais, um número maior de perspectivas. A tendência, segundo os pesquisadores, é de que essa capacidade se desenvolva, gradativamente, com o amadurecimento da pessoa.

A inteligência emocional no processo ensino aprendizagem

A emoção é responsável por guiar a cognição, logo é de vital importância para a aprendizagem. Para a compreensão da aprendizagem é necessário identificar seu papel e reconhecer sua importância para a adaptação humana.

No entanto, a inteligência emocional ainda não é devidamente inserida no contexto escolar. Sobre isto, Santos (2000), afirma que:

A educação com objetivos exclusivamente cognitivos tem se mostrado insatisfatória, pois, apesar de tantos avanços tecnológicos, da televisão, de computadores e, multimídia utilizados no processo educacional, as novas gerações têm mostrado crescente falta de competência emocional e social (SANTOS, 2000, p. 22)



Fonseca (2016) afirma que não é possível pensar em separar a emoção da aprendizagem ou a emoção da cognição ou da razão, ou conceber, exclusivamente e friamente, na individualidade do discente, pois temos que pensar também na individualidade do docente, porque alunos e professores interagem socialmente e aprendem uns com os outros. Logo, a emoção e a cognição, devem ser enquadradas num contexto social e obviamente cultural.

A aprendizagem não é um ato isolado nem neutro afetivamente, só pode ser concebida num contexto de transmissão intencional e de atenção e interação emocional compartilhada, o que só por si integra emoções e cognições, leitura de faces e de mentes, exibição de sinais não verbais e corporais de tristeza, alegria, desgosto, surpresa, zanga, medo, etc (FONSECA, 2016, p. 370).

Segundo Fonseca (2016), em termos humanos, o processo de ensino-aprendizagem não é algo dissociável, não existe docência sem discência. É imprescindível a interação do aluno (imaturo e inexperiente) e o professor (maduro e experiente), pois se trata de um processo de transmissão cultural, uma troca de conhecimentos, onde é levado em consideração a bagagem de ambos, logo se caracteriza um processo social e intersubjetivo, pois engloba simultaneamente as emoções de um indivíduo inexperiente com as de um experiente.

Cabe assim ao professor a criação, a gestão, o planejamento e gestão do envolvimento social da sala de aula (ou do ecossistema pedagógico) para que se criem condições emocionais e afetivas ótimas para que a aprendizagem, como ato cognitivo construído e co-construído, aconteça efetivamente (FONSECA, 2016, p. 370).

Cosenza (2011) evidencia a relevância da interação entre os processos cognitivos e emocionais no cérebro, destacando a influência das emoções nos processos educacionais. Partindo desta afirmação, podemos analisar que o cérebro - órgão mais importante do ser humano, responde á diversos estímulos recebidos, seja positivo ou negativo, e ativa regiões que podem ou não favorecer a aprendizagem.



Desse modo, é imprescindível que o docente esteja atento e preparado para lidar com as emoções dos alunos, mas acima de tudo, para lidar com suas próprias emoções, já que antes do que se é dito verbalmente, as expressões faciais e emocionais, podem transmitir algo oposto ao que se deve ensinar.

O caso de uma escola do município de Campos dos Goytacazes/RJ

Para a realização desta pesquisa, foram analisados reações, posturas e práticas dos indivíduos presentes no processo ensino e aprendizagem, ou seja, docentes e alunos, da Escola Municipal Tarcílio Siqueira Cordeiro, na localidade de Beira do Taí, zona rural de Campos dos Goytacazes – Rio de Janeiro.

O público alvo deste estudo constituiu-se de alunos matriculados no 3º ano do ensino fundamental no ano letivo de 2018 bem como o docente responsável pela turma citada. Para o recolhimento das informações foi utilizado método de observação feita diretamente ao docente e aos alunos nos diversos ambientes da escola.

As informações coletadas foram apresentadas em relato descritivo, para que, junto à literatura previamente existente, este trabalho possa servir como um instrumento pedagógico, visando instigar toda a equipe escolar a se aprofundarem nos estudos relacionados à emoção, enfatizando sua importância para o processo ensino e aprendizagem. Deste modo, o professor poderá apropriar-se do seu verdadeiro papel de facilitador / mediador deste processo e a escola passa a dar oportunidade para o emocional receber seu mérito e valor apropriado, possibilitando a interação entre os indivíduos, a socialização e a formação por completa dos alunos.

Analisando os dados coletados, foi possível constatar que grande parte dos alunos são provenientes de diversos bairros da zona rural, onde as condições sociais e econômicas são precárias para a aquisição de conteúdos culturais necessários para sua formação enquanto indivíduo.

Foi certificado que parte dos alunos são de baixa renda, enquanto outros possuem uma situação financeira um pouco mais estável, entretanto, todos trazem consigo uma bagagem de



vida repleta de experiências e respostas que os mesmos aprenderam a formular e entregar diante de diversas situações enfrentadas em suas vidas cotidianas.

Constatou-se também que a maioria dos alunos da turma do 3º ano não possuem inteligência emocional. As mesmas não sabem lidar com uma avaliação ruim, não se motivam a estudar para alcançar notas melhores, não possuem empatia pelos colegas e nem se relacionam de modo saudável com os outros. Também foi comprovado que a maioria apresenta carência de afeto e insegurança para produzir suas próprias emoções, o que dificulta as relações interpessoais, dentro e fora do ambiente escolar.

Sobre o resultado desta pesquisa foi constatado que grande parte da turma possui dificuldades em conteúdos relacionados às disciplinas de português e matemática. Entretanto, quando perguntando aos alunos, os mesmos afirmam que estas mesmas disciplinas são críticas para sua formação e sua vivência em sociedade. A que se deve essa discrepância?

Se a escola é o reflexo da sociedade em que está inserida, por que os alunos não conseguem obter sucesso quando se deparam com as situações formais da disciplina? Existe diferença entre português e matemática da escola e da vida? Segundo Goleman (1996), aprendemos sempre melhor quando o assunto a ser estudado nos interessa e nos dá prazer.

Foi observado que alguns alunos possuem um déficit no nível acadêmico, há um “atraso” cognitivo na vida escolar dos alunos. Porém, isto nos leva ao foco do trabalho: em relação à inteligência emocional, como os alunos se sentem e lidam com este fracasso? E o docente, além de todo o conhecimento teórico possuído, quais conhecimentos emocionais precisam ser adquiridos para intervir positivamente?

Tendo como base esta problemática, é pressuposto que para educar emocionalmente, é necessário exigir do docente, conhecimentos além da formação básica. Os mesmos necessitarão suprir as lacunas no processo de formação e buscar, até mesmo dentro de si, a capacidade necessária. Libâneo (1984) expõe que a prática pedagógica é influenciada pelas nossas histórias de vida e pelos acontecimentos que permeiam nosso cotidiano.

Como já citado, o docente necessita expressar sensibilidade e afetividade. O aluno precisa se sentir acolhido. Para a relação aluno-docente seja sadia e de qualidade, é preciso



que os sentimentos sejam verdadeiros, a ponto de aproximá-los o suficiente para que o docente seja capaz de perceber caso esteja acontecendo algo com seus alunos.

A respeito das obrigações docentes, Casassus (2009), afirma que para transmitir o gosto pelo conhecimento um professor precisa dominar os conteúdos de sua disciplina, e também saber acolher as turmas, identificando e trabalhando interesses e sentimentos.

Do exposto, podemos constatar que o docente além de ser o mediador do conhecimento, também atua como formador de seres humanos, hábeis nos quesitos cognitivos, mas, também nos éticos, afetivos e educados emocionalmente.

Considerando que cada indivíduo tem sua própria necessidade a partir de sua estrutura psicológica, social, biológica e cultural, constatamos que o ser humano é resultado de suas experiências sociais. Desse modo, é possível compreender que tanto o aluno quanto o professor apresentam necessidades de ordem emocional. Todavia, é necessário especificar que as reações emocionais diferem de uma criança, para um adolescente e destes de um adulto.

Nesse contexto, o docente precisa considerar o aluno como parte de um contexto social diverso, e como um ser com uma bagagem emocional. E isto demanda do docente, competências cognitivas e emocionais que favoreçam o desenvolvimento cognitivo, social e emocional do aluno.

Morin (2000) assegura que a mente humana é apta para desenvolver aptidões ainda desconhecidas pela inteligência, pela compreensão e pela criatividade. Com isso, podemos caracterizar a aprendizagem como uma trama que percorre os aspectos biológicos, psicológicos, sociais, cognitivos e emocionais, contribuindo para que ocorra a formação integral do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pela compreensão de que a inteligência emocional é um dos fatores essenciais para o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade, caracteriza-se como interesse maior para a realização desse trabalho. Acreditamos que este estudo preliminar servirá de



embasamento para futuras pesquisas sobre esse tema tão importante e relevante para a sociedade contemporânea.

Tanto na escola, como em diversos outros ambientes, tem-se a premissa que para obter sucesso basta apenas ser inteligente. No entanto, cada vez mais, vem-se percebendo que o sucesso depende de uma série de fatores que vão além da inteligência. As relações interpessoais, a capacidade de trabalhar em equipe, de ouvir e se colocar no lugar dos outros, são essenciais no mundo globalizado em que vivemos. O sucesso implica um conjunto de competências emocionais e relacionais, sendo essencial que, para além da inteligência "intelectual", o indivíduo possua inteligência emocional.

O segredo da inteligência emocional é a autoconsciência, isto é, o indivíduo ter a capacidade de reconhecer e lidar com seus sentimentos e tomar decisões sábias, pois isso implica tanto na vida pessoal, como na vida das pessoas ao seu redor. Como afirma Goleman (1996), a chave para tomar boas decisões pessoais é ouvir os sentimentos.

Com a inteligência emocional, é possível compreender e estabelecer relação entre o processo emocional do professor e sua bagagem emocional com o processo de ensino a ser realizado na sala de aula. Porém, é imprescindível que o docente busque desenvolver um trabalho de autoconhecimento, identificando as próprias emoções, visando adquirir capacidade para lidar com as emoções dos alunos, de modo que prepare os mesmos para conseguirem lidar com suas emoções.

Finalmente, considera-se que este trabalho caracteriza-se apenas, como uma breve reflexão a respeito da temática, o qual servirá de base para pesquisas futuras. Diante dessa reflexão, fica visível a necessidade de construirmos uma proposta de ensino clara e concreta, que rompa com a dissociação razão e emoção, procurando ressaltar a importância do desenvolvimento, tanto nos docentes quanto nos alunos, da inteligência emocional, a qual revela ser a peça fundamental para a aquisição da aprendizagem significativa e o fundamento para a formação completa do ser humano.

REFERÊNCIAS



CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

FONSECA, Victor da. *Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica*. **Revista Psicopedagogia**: 2016, p. 365-384

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: A teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Edgar Morin; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SANTOS, Jair de Oliveira. **Educação Emocional na Escola: a emoção na sala de aula**. 2ª Ed. Salvador, 2000

SPRINTHALL, N.; SPRINTHALL, R. **Psicologia educacional – uma abordagem desenvolvimentista**. Portugal: McGraw-Hill, 1993